

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Especialização – Transtorno do Espectro do Autismo

Amanda Patrícia Alves Marçal

**RESILIÊNCIA PARENTAL E TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO: uma
revisão da literatura sobre como os pais enfrentam as dificuldades na rotina diária com
o filho autista**

Belo Horizonte
2022

Amanda Patrícia Alves Marçal

Resiliência Parental e Transtorno do Espectro do Autismo: uma revisão da literatura sobre como os pais enfrentam as dificuldades na rotina diária com o filho autista

Versão final

Dissertação apresentada ao Programa de Especialização em Transtorno do Espectro do Autismo da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Transtorno do Espectro do Autismo.

Orientadora: Profa. Dra. Thais Porlan de Oliveira

Belo Horizonte

2022

150
M313r
2022

Marçal, Amanda Patrícia Alves.
Resiliência parental e transtorno do espectro do autismo [recurso eletrônico] : uma revisão da literatura sobre como os pais enfrentam as dificuldades na rotina diária com o filho autista / Amanda Patrícia Alves Marçal. - 2022.
1 recurso online (30 f.) : pdf
Orientadora: Thais Porlan de Oliveira.

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Transtorno do Espectro do Autismo - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1. Resiliência. 2. Stress (Psicologia). 3. Transtornos do espectro autista. I. Oliveira, Thais Porlan de.
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

CURSO DE TRANSTORNOS DO ESPECTRO DO AUTISMO

UFMG

ATA DA DEFESA DA MONOGRAFIA DA ALUNA AMANDA PATRÍCIA ALVES MARÇAL

Realizou-se, no dia 30 de abril de 2022, às 10:00 horas, Saguão da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EFFETO), da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de monografia, intitulada *Resiliência parental e Transtorno do Espectro do Autismo: uma revisão da literatura sobre como os pais enfrentam as dificuldades na rotina diária com o filho autista*, apresentada por AMANDA PATRÍCIA ALVES MARÇAL, número de registro 2019696279, graduada no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em TRANSTORNOS DO ESPECTRO DO AUTISMO, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Thais Porlan de Oliveira - Orientador (UFMG), Prof(a). Ana Amelia Cardoso Rodrigues (UFMG), Prof(a). Luana Falkaniere Soares (UFMG).

A Comissão considerou a monografia:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 30 de abril de 2022.

Prof(a). Thais Porlan de Oliveira (Doutora)

Prof(a). Ana Amelia Cardoso Rodrigues (Doutora)

Prof(a). Luana Falkaniere Soares (Especialista)

Resumo

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que apresenta sintomas que podem ser de difícil manejo para os pais durante a rotina diária. O presente trabalho consiste em uma revisão da literatura cujo objetivo é buscar compreender como as famílias lidam com as dificuldades após o diagnóstico de TEA do filho. A pesquisa foi realizada na base de dados Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Os descritores utilizados foram: *parental resilience* e *autism*. A amostra final resultou em onze artigos e apresentou uma relação entre resiliência parental, estresse parental e apoio social. Os estudos destacam que pais que recebem um apoio social tendem a apresentar um menor estresse parental e, conseqüentemente, uma maior resiliência. Destaca-se também a relevância de intervenções com os pais que foquem em sentimentos de autoeficácia, gestão de comportamentos inadequados e/ou emocionais e a importância do apoio social, uma vez que os cuidadores se sentirão preparados para lidar com as adversidades de forma autônoma e segura. Os dados revelaram a necessidade de mais pesquisas nessa área, pois fica nítida a importância de capacitar, engajar, instruir e preparar a família para a nova caminhada frente ao diagnóstico de TEA do filho.

Palavras chaves: resiliência parental, estresse parental, transtorno do espectro do autismo

Abstract

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental disorder that presents symptoms that can be difficult for parents to manage during their daily routine. The present work consists of a literature review whose objective is to seek to understand how families deal with difficulties after the diagnosis of ASD in their child. The research was carried out in the database Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) and Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). The descriptors used: parental resilience and autism. The final sample resulted in eleven articles and presented a relationship between parental resilience, parental stress, and social support. Studies highlight those parents who have social support tend to have less parental stress and, consequently, greater resilience.

The relevance of interventions with parents that focus on feelings of self-efficacy, management of inappropriate and/or emotional behaviors and the importance of social support, as caregivers will feel prepared to deal with adversities autonomously and safely. The data revealed the need for further research in this area, as it is clear the importance of training, engaging, instructing, and preparing the family for the new journey in the face of the child's ASD diagnosis.

Keywords: parental resilience, parental stress, autism spectrum disorder

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
2. MÉTODO	15
3. RESULTADOS	16
4. DISCUSSÃO	26
5. CONCLUSÃO	27
REFERÊNCIAS	27

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento, ou seja, há alterações cerebrais que podem ocorrer antes, durante e logo após o nascimento. Segundo o DSM-V, esse transtorno se caracteriza por déficits na interação social, na comunicação social e presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Esses sintomas devem estar presentes desde o início do desenvolvimento e devem causar prejuízos nas diversas áreas da vida do indivíduo (APA, 2013).

Segundo Abreu e Teodoro (2012), quando uma criança começa a apresentar os sintomas do autismo pode acarretar mudanças no contexto familiar, uma vez que são modificadas a rotina da família e as emoções dos indivíduos que convivem com a criança. Pelo TEA se caracterizar por déficits significativos no desenvolvimento global da criança, a longo prazo pode causar uma exaustão nos pais. Caso haja problemas comportamentais que configurem um quadro mais grave, no sentido de demandar mais suporte para realizar as atividades, podem exacerbar o potencial estressor para essas famílias.

Hastings et al. (2005) apresentaram uma discussão sobre o estresse parental de pais de crianças com autismo em idade pré-escolar. O objetivo da pesquisa era abordar as relações entre as variáveis: filho com autismo, mãe e pai/parceiro. Pais de 48 crianças com autismo (48 mães e 41 pais) relataram sobre as características da criança e seu próprio estresse e saúde mental. Foram usados um questionário demográfico e algumas escalas comportamentais para a criança (para pontuar problemas de comportamento e comportamento adaptativo) e um questionário de triagem de autismo. Para medir a saúde mental dos pais foram usadas escalas de ansiedade e depressão, uma escala de estresse parental e um inventário de percepções parentais. Os achados desse estudo apontam que as mães relataram mais depressão, mas também percepções mais positivas do que os pais. O estresse materno foi afetado positivamente pelos problemas de comportamento do filho e depressão do parceiro. Enquanto o estresse paterno não foi associado com características da criança, mas pela depressão da parceira.

Hastings et al. (2005) discutiram esses achados e uma possível explicação para a descoberta das mães serem mais afetadas pelos problemas de comportamento do filho. Este fato acontece porque, geralmente, as mães são quem se envolvem mais nas rotinas de cuidado da criança. Já sobre o achado da relação do estresse parental e a depressão do parceiro, a explicação para esse efeito pode ser a interrupção do apoio conjugal. O estresse dos pais, geralmente, é reduzido por um forte apoio conjugal, porém quando o parceiro também está deprimido, ele

estará menos disponível para o outro. Assim, o estresse pode tornar-se elevado para ambos os parceiros.

As famílias reagem de formas diferentes ao se depararem com uma criança com diagnóstico de TEA: algumas apresentam sentimentos negativos e outras positivos. Algumas demandam mais tempo para aceitar o diagnóstico e começar a pensar nas medidas necessárias para o tratamento e outras famílias saem da sala do médico já sabendo o que fazer. Segundo Madeira (2014) quando os pais apresentam algum conhecimento prévio sobre o TEA, geralmente, eles têm um processo de adaptação menos abrupto e, conseqüentemente, apresentaram uma postura de tentar compreender melhor e saber os caminhos para ajudar o filho(a) a ter uma melhor qualidade de vida. Já os pais que chegam ao consultório sem ter informações sobre o transtorno podem apresentar mais frequentemente sentimentos de insegurança, dúvida e angústia.

Famílias que passam por esse momento pós diagnóstico de forma mais positiva, procurando os possíveis tratamentos e o que de melhor eles podem oferecer aos seus filhos, podemos observar nelas um comportamento de resiliência. A resiliência é importante neste momento, uma vez que os pais quando recebem um diagnóstico de TEA precisam passar por um processo no qual eles irão repensar várias crenças e conceitos. Por exemplo, qual o significado desse diagnóstico para essa família e o sistema de crenças relacionado a ele, construídos ao longo da história de cada membro familiar e do grupo.

A resiliência começou a ser estudada com crianças que não desenvolviam problemas psicológicos mesmo em situações de vulnerabilidade, como condição de pobreza, violência intrafamiliar e doença mental dos pais. O estudo da resiliência surge, então, a partir do momento em que os pesquisadores querem entender as causas e a evolução da psicopatologia (Infante, 2005). Os estudos relacionados à resiliência podem ser divididos em dois momentos: estudos dos anos 70 e os estudos dos anos 90. Infante (2005) se concentra nessa segunda geração, em que os estudiosos procuravam inferir sobre quais fatores estão presentes nos indivíduos com alto risco social, mas que ainda assim conseguem se adaptar socialmente. Esses pesquisadores entendem a resiliência como um processo dinâmico em que as influências do ambiente e do indivíduo interagem e permitem que a pessoa se adapte positivamente, mesmo em situação de adversidade. Esse termo adversidade pode estar ligado a uma gama de fatores de risco, como a pobreza, mas também a uma situação específica de vida, por exemplo, um diagnóstico de TEA para o filho. Os pesquisadores chamam de adaptação positiva quando um indivíduo alcança expectativas sociais a uma determinada etapa do desenvolvimento ou quando não houve um desajuste em uma situação de adversidade e, assim, surge a adaptação resiliente.

Segundo Infante (2005), a noção da resiliência como um processo permite entender a adaptação chamada de resiliente como algo que ocorre em função da interação dinâmica entre vários fatores de risco e de resiliência, por exemplo fatores familiares, bioquímicos, fisiológicos, cognitivos, afetivos, socioeconômicos, sociais e culturais. Em teoria, ao conseguir explicitar as relações entre esses fatores seria possível entender como ocorre a adaptação resiliente e, assim, elaborar estratégias que possam aperfeiçoar e ampliar os êxitos desse processo.

De acordo com Semensato (2013), a resiliência começou a englobar uma noção de adversidade, de superação de adversidade e de um processo dinâmico que considera os mecanismos emocionais, cognitivos e socioculturais do desenvolvimento humano. Assim, a resiliência não é somente uma resistência a situações difíceis, mas sim o quanto o indivíduo está fortalecido para enfrentar essa experiência.

O estudo de Gardner e Harmon (2002) focou nas experiências de seis mães de crianças com deficiência intelectual. Este artigo descreveu as experiências maternas sob uma perspectiva fenomenológica, usando metodologia qualitativa. As entrevistas com as mães foram transcritas, analisadas e chegaram a dez temas relevantes, segundo a definição dos autores: desenvolvendo um senso de identidade; a jornada emocional; ser um time; o poder de agir; sendo organizado; usando suportes; meu copo está meio cheio; eu também tenho necessidades; ninguém perde e dando sentido à vida. A maioria das famílias do estudo que receberam o diagnóstico de deficiência intelectual consideraram o momento muito traumático, envolvendo um período de luto e de ajuste, mas a forma que elas lidam com essa adversidade e são capazes de viver felizes e satisfeitas varia muito. Podemos observar a resiliência nessas mães quando foram perguntadas sobre a visão de si mesmas, de suas famílias e da vida em geral. Elas viram a vida de forma positiva desde muito cedo, perceberam seus pontos fortes e sua capacidade de se organizar e tomar decisões. Também demonstraram ser realistas quanto as suas próprias limitações e a importância de cuidar de si mesmas. Essas mães sofreram, mas aceitaram seu filho com uma deficiência sem ressentimento, culpa ou auto pena. Elas receberam suporte de seus parceiros para trabalhar em equipe e apoio de fora da família.

Gardner e Harmon (2002) reconheceram que as mulheres desse grupo tinham recursos disponíveis, como finanças, educação e descanso e que outros grupos podem não ter. No entanto, os profissionais que trabalham com essas famílias podem fornecer um conhecimento útil para auxiliá-los a identificar seus pontos fortes e desenvolver habilidades primordiais para fortalecer a esperança de que podem recuperar o controle de suas vidas mesmo em situações de extrema vulnerabilidade e estresse, com seus filhos. O desafio dos profissionais é ajudar a

família a encontrar e observar seus pontos fortes e criar uma história familiar alternativa que inclua a alegria e esperança, mesmo perante as dificuldades reais na rotina que a deficiência pode trazer.

As crenças são consideradas um ponto essencial no estudo da resiliência, uma vez que elas são as interpretações que as pessoas fazem de suas experiências, ou seja, a forma como a família vê seu problema pode interferir diretamente na forma de lidar com essa adversidade. Segundo Semensato (2013), os sistemas de crenças são relacionados à resiliência, pois envolvem valores, convicções e atitudes que influenciam as respostas emocionais, decisões e ações. Dessa forma, a família perante os novos desafios precisa construir um novo sentido para que seja possível lidar com essa nova situação, da melhor forma possível.

Quando o filho tem o diagnóstico de TEA, as crenças são impactadas e podem gerar efeitos na elaboração e escolhas para o filho e para a família. Uma revisão bibliográfica de Herbert e Koulouglioti (2010) encontrou que as crenças dos pais sobre as causas do autismo incluem fatores genéticos anteriores à concepção, eventos que cercam o nascimento da criança e influências ambientais no período da primeira infância. A percepção dos pais sobre a causa do autismo pode influenciar suas crenças sobre quais intervenções podem ser úteis para minimizar os sintomas. Por exemplo, as expectativas para o futuro de seus filhos podem moldar seus esforços para escolher e buscar tratamento. Com ajuda para desenvolver expectativas realistas, os pais podem estabelecer metas práticas e alcançáveis para seus filhos. Se os pais estão envolvidos no processo de desenvolvimento do plano de tratamento, é mais provável que as prioridades da família sejam focadas na criança e no seu desenvolvimento.

Outro estudo sobre crenças foi o de Harrington et al. (2006) que avaliou as crenças dos pais de crianças autistas sobre etiologia, diagnóstico e tratamento do autismo. Cerca de 62 famílias preencheram um questionário perguntando quando os pais notaram problemas comportamentais ou no desenvolvimento pela primeira vez, quando foram informados do diagnóstico, quão confiantes estavam com a capacidade do médico do seu filho em reconhecer o autismo, se acreditavam que tinha alguma causa específica para o autismo dos filhos e quais medicamentos e terapias alternativas eles experimentaram. Cerca de 26% dos pais responderam que suspeitavam de uma causa específica e 45% responderam talvez. As causas mais comuns que apareceram nos relatos dos pais foram: imunização, predisposição genética e exposição ambiental da mãe ou criança.

Três quartos dos pais expressaram pouca ou nenhuma confiança na capacidade do médico em reconhecer o TEA e os dados das autoras sugerem que um maior atraso percebido no diagnóstico pode levar a uma diminuição na confiança desses pais no profissional e um

aumento no uso de terapias alternativas (Harrington, et al. 2006). Dessa forma, pode-se perceber o quanto dar suporte aos pais é importante tanto no momento do diagnóstico, quanto no pós diagnóstico para, assim, fortalecer o vínculo e aumentar a confiança dos cuidadores com o profissional. Quando os pais confiam no profissional, eles tendem a seguir as recomendações de tratamento e, geralmente, seguirão para um caminho de intervenções com maior eficácia comprovada. Isso, obviamente, considerando a formação adequada dos profissionais especializados.

Aliás, um ponto importante sobre a adequação da formação profissional é que no momento do pós diagnóstico os profissionais precisam compreender como a resiliência parental é essencial no processo de elaboração do diagnóstico, uma vez que a interpretação dos pais sobre esse momento vai impactar diretamente na relação do casal, relação com o filho e escolhas de tratamentos.

O estudo da Semensato (2013) investigou os indicativos de resiliência parental no processo de comunicação do diagnóstico do TEA. A autora fez entrevistas com seis casais que possuíam um filho com diagnóstico de autismo há pelo menos dois anos. Ela avaliou algumas crenças desses pais no processo diagnóstico com relação aos profissionais, duração do processo de avaliação, entre outros. No processo diagnóstico, os pais relataram a importância da percepção deles de que o profissional tem conhecimento sobre o desenvolvimento típico e atípico e a capacidade de perceber pequenas particularidades da criança. O senso de desamparo desses pais apareceu relacionado a profissionais que não levaram a sério as preocupações deles e crenças de desconfiança quando os profissionais escondem as informações dos pais, por exemplo, evitar dizer que é TEA, falta de conhecimento sobre o transtorno e para responder as dúvidas. Um ponto relevante destacado pela autora é de que os pais se sentem aliviados quando recebem o diagnóstico, uma vez que eles já haviam percebido algo diferente acontecendo com a criança, porém essa sensação é frequente em pais que já haviam considerado a possibilidade do diagnóstico de autismo há algum tempo.

Ainda sobre o estudo de Semensato (2013), a autora também apresentou dados sobre o impacto do diagnóstico na família. As reações emocionais mais comuns foram o senso de desamparo com uma reação de negação ao diagnóstico e sensação de desânimo. Os pais também sentiram medo sobre o desenvolvimento do seu filho e como seria o futuro dele e da família. Um ponto interessante é que a relação do casal apareceu como um senso de amparo pela capacidade de conversa do casal, mas também apareceu como senso de desamparo com a diminuição da empatia entre o casal, buscando pelo culpado e a vontade de se isolar do parceiro. A conclusão da autora ressaltou a importância de se investir no trabalho com o potencial das

famílias e considerar tanto a avaliação como a comunicação do diagnóstico um processo a serem acompanhados, uma vez que as famílias podem ficar muito vulneráveis quando o senso de desamparo predomina (Semensato, 2013).

A partir desse panorama, fica explícita a necessidade de investimento em estudos que abordem as famílias que recebem diagnóstico de uma criança com TEA e como capacitá-las e empoderá-las para que possam passar pelo processo do impacto do diagnóstico de forma a lidar melhor com as dificuldades que elas podem enfrentar. Segundo Pereira (2011) uma variável importante para que a intervenção tenha sucesso é o afeto. A segurança do afeto que os pais conseguem transmitir aos filhos é um fator primordial para estimular a aprendizagem e a curiosidade para buscar novas experiências (Pereira, 2011). A participação dos pais não exclui o atendimento dos profissionais, o objetivo é capacitar essa família para saber estimular a criança em diversos ambientes e na rotina do dia a dia, deixando esse aprendizado dentro do contexto mais natural possível, de forma harmoniosa e afetuosa.

Outro benefício da participação dos pais é a questão financeira, uma vez que intervenções precoces e intensivas possuem um custo muito alto, ainda mais se feito por especialistas. Se o profissional capacita os pais para estimularem o filho durante algumas horas por dia ou por semana, no final do mês eles podem conseguir fazer uma economia considerável e, conseqüentemente, passar mais tempo com a criança.

O livro “Autismo – Compreender e agir em família” (Rogers et al., 2012) é usado em treinamentos de pais, uma vez que o objetivo das autoras foi ajudar os pais e cuidadores a criarem estratégias para estimular sua criança com diagnóstico de TEA em atividades cotidianas. Segundo as autoras há uma literatura robusta sobre a eficácia de terapeutas especializados aplicando a intervenção precoce e existem alguns estudos que demonstraram que os pais e cuidadores podem aprender estratégias de tratamento tanto quanto terapeutas formados. Também encontraram que quando os pais aplicam essas estratégias a qualidade das interações entre a criança e o pai melhoram e as crianças se tornam mais envolvidas socialmente e sua comunicação também melhora.

Corroborando a ideia de que pais aplicando estratégias em ensino ajudam na intervenção das crianças com autismo, Warren et al. (2011) realizaram uma revisão sistemática em que avaliaram 34 ensaios clínicos de intervenção precoce. Os autores concluíram que havia, em 2011, evidências de que a intervenção comportamental intensiva proporciona melhores resultados cognitivos e de linguagem, mas também descobriram que quando os pais aprendiam e utilizavam em casa algumas estratégias da intervenção, as crianças apresentavam resultados semelhantes tanto com os pais quanto com os terapeutas. Quando os pais utilizam essas

estratégias para além das horas que os filhos recebem em outras intervenções, eles estão acrescentando mais experiências de aprendizagem durante todos os dias e, assim, ajudando as crianças a aprenderem cada vez mais em contexto natural.

No estudo de Vismara et al. (2009), as autoras acompanharam oito famílias com filhos diagnosticados com TEA de 10 a 36 meses, durante 12 sessões semanais de uma hora de duração. Durante as sessões, os pais aprenderam a aplicar os procedimentos de ensino do ESDM (Modelo Denver de Intervenção Precoce). O modelo de intervenção ESDM foca em desenvolver a atenção, a comunicação, as interações sociais e brincadeiras. Os objetivos do estudo eram avaliar a aquisição dos procedimentos de ensino pelos pais, as mudanças na vida social e os comportamentos comunicativos da criança. Como resultado, todos os pais mostraram melhora no uso das técnicas da intervenção durante as brincadeiras em casa e durante as rotinas de cuidado diário. Uma vez aprendida, os pais mantiveram o uso das técnicas durante todo o período de treinamento e ainda 3 meses após o fim das orientações. Quando eles começaram a usar as técnicas de intervenção, a maioria das crianças começou a pronunciar mais palavras para tentar se comunicar e aumentou os comportamentos de imitação. Segundo as autoras, também foi possível observar que os pais que aprenderam as técnicas foram eficientes tanto quanto os terapeutas em ensinar as crianças as novas habilidades.

Um estudo feito por Gomes et al. (2019) avaliou os efeitos de uma intervenção comportamental intensiva feita pelos cuidadores. Os dados sugerem que quando os cuidadores (36,4% eram estagiários de psicologia, 50% pais e 13,6% babás) estavam sob a orientação de profissionais especializados, houve ganhos significativos em todas as áreas do desenvolvimento trabalhadas durante as intervenções comportamentais intensivas com crianças com TEA. Os dados também indicam que a presença ou ausência da fala, o grau, a idade da criança e quem era o cuidador (se era um estagiário ou pais/babás) foram variáveis importantes no efeito da intervenção. Sobre essa variação no efeito da intervenção dependendo de quem está aplicando, as autoras reforçam que isso não deve ser visto como uma limitação para a aplicação dessa intervenção pelos cuidadores. Na verdade, esse dado deve ser visto como um indicador importante na necessidade de capacitar melhor o cuidador e que, mesmo assim, está trazendo resultado e benefício para a criança, além de diminuir o estresse parental e os custos da intervenção.

Os estudos corroboram a importância da participação dos pais das crianças nas intervenções e o quanto pode ser benéfico tanto para o filho quanto para o cuidador. Porém, é importante que haja uma orientação dos profissionais envolvidos no caso para empoderar e preparar os pais para mais esse papel, uma vez que o cuidador assumirá mais uma função, por

mais que as técnicas possam ser aplicadas em atividades do dia a dia. Outro ponto importante é que os profissionais com contato direto com os pais devem estudar a resiliência parental e tentar aprender como ajudar essa família a desenvolver essa habilidade, uma vez que pais resilientes se engajam nas escolhas de tratamento para o filho e, conseqüentemente, podem participar de treinamento de pais para aprenderem estratégias para melhor lidarem com seu filho perante as dificuldades que aparecem na rotina diária,

O objetivo do presente estudo foi fazer uma revisão bibliográfica sobre a resiliência parental em pais com filhos com diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autismo buscando compreender como as famílias lidam com essa adversidade. A partir desta percepção, pretendemos auxiliar no desenvolvimento de estratégias para as famílias que estejam com dificuldades em enfrentar as adversidades da rotina diária ao conviverem com uma criança com TEA.

MÉTODO

Foi realizada uma revisão da literatura nos seguintes bancos de dados: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Os descritores usados foram: *Parental Resilience* e *Autism*. Os critérios de inclusão utilizados, para leitura e análise foram: 1. artigos nos idiomas inglês e português; 2. artigos revisados por pares; 3. artigos que abordassem especificamente a resiliência parental; 4. artigos que abordassem apenas o autismo, sem comorbidades descritas; 5. artigos de revisão ou empíricos, mas com a amostra de pais com crianças de até 12 anos; 6. artigos publicados nos últimos 5 anos, utilizando como data final 30 de junho de 2021.

O processo de levantamento de dados ocorreu em algumas etapas: levantamento inicial das publicações nas bases eletrônicas; leitura dos títulos e resumos; eliminação de artigos repetidos e seleção dos potenciais artigos para leitura completa, a partir dos critérios de inclusão. O levantamento inicial no Portal CAPES havia resultado em mais de 1000 artigos, os quais muitas vezes não abordavam o assunto desejado. Dessa forma, durante a pesquisa dos periódicos nessa base, os descritores foram selecionados da seguinte maneira: *Parental resilience* no campo “assunto” e *autism* no campo “qualquer” (autor, assunto, título). Assim, foi possível realizar uma seleção mais coerente ao assunto e mais específica a área.

O levantamento inicial nas bases selecionadas (CAPES e BVS) resultou em 48 artigos sobre a resiliência parental com pais de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo. Foram aplicados os critérios de inclusão e nessa etapa foram excluídos artigos por:

não discutir especificamente sobre a resiliência parental (n=28); que não estavam na íntegra em inglês ou português (n=2); artigos que abordaram o autismo com alguma comorbidade (n=1); com amostra de adolescentes com mais de 12 anos (n=3) e que não falavam sobre autismo (n=1). Dentre os restantes (n=13), dois artigos foram excluídos devido a duplicação nas bases eletrônicas. Assim, como amostra final chegou-se ao número de 11 artigos.

RESULTADOS

Os artigos selecionados para análise estão compreendidos entre os anos de 2016 e 2021. A amostra final ficou com 11 artigos, sendo 10 publicados em inglês e um em português. Os artigos possuíam várias origens, sendo três dos Estados Unidos, dois da Espanha, um da Austrália, um da Índia, um da Malásia, um da China, um da França e um do Brasil, o único publicado em português. Foram encontrados três artigos qualitativos, cinco artigos quantitativos, um exploratório, uma revisão sistemática e um classificado como misto (com dados quantitativos e qualitativos). O resumo das principais características dos estudos incluídos na nossa revisão está na Tabela 1.

Os principais objetivos dos artigos abarcaram compreender os desafios dos cuidadores de crianças autistas à luz da resiliência, estresse parental e suporte social (Bekhet & Matel-Anderson, 2016; Das et al., 2017); há artigos relacionando o estresse parental e resiliência nos pais (Ilias et al., 2019; Kim et al., 2019; Pastor-Cerezuela et al., 2016 e 2021); outros analisando a experiência dos pais durante e após o processo de diagnóstico de TEA do filho (Boshoff et al., 2018; Semensato, 2017); o impacto de problemas de sono na resiliência familiar; comparando a inteligência emocional das mães de crianças autistas e mães de crianças típicas; e explorar o apoio social, a resiliência parental e a autoeficácia parental frente a problemas emocionais/comportamentais de crianças autistas (Lu et al., 2021).

De forma geral, os artigos encontraram significativa relação entre estresse parental e a resiliência parental. Pais de crianças autistas, geralmente, apresentam um maior estresse parental devido a vários aspectos desde o recebimento do diagnóstico até as dificuldades da rotina diária. Outro ponto observado foi que mesmo frente aos desafios do cuidado com a criança autista, os pais acreditavam serem capazes de lidar com as adversidades (Das et al., 2017).

Os artigos também encontraram correlações entre o apoio social e o nível de estresse e o desenvolvimento da resiliência. Quando os pais das crianças com TEA percebiam um maior apoio social da família ou amigos próximos, eles apresentavam menores índices de estresse

parental e, conseqüentemente, maiores níveis de resiliência. Esse é um dado importante, uma vez que é possível elaborar estratégias para dar ferramentas para que os pais estejam melhor capacitados para lidar com as adversidades decorrentes do diagnóstico do filho (Ilias et al., 2019; Pastor-Cerezuela et al., 2021).

Pensando em uma outra estratégia para os pais das crianças recém diagnosticadas, é interessante trabalhar mais perto com esses cuidadores sobre suas potencialidades, sentimentos de autoeficácia, maiores dificuldades na gestão de problemas comportamentais e/ou emocionais do filho e o sentimento de apoio social. Assim, podemos ter pais menos estressados e mais preparados para os desafios na vida diária de ter um filho com autismo (Das et al., 2017; Lu et al., 2021; Semensato & Bosa, 2017).

Tabela 1. Principais características dos estudos incluídos nos resultados.

Autores	Ano	Objetivo	Método	Principais resultados
Bekhet, A. K. & Matel-Anderson, D. Risk and protective factors in the lives of caregivers of persons with autism: caregivers' perspectives. <i>Perspectives in Psychiatric Care</i> , 00, 1-9.	2016	Compreender a experiência de ser um cuidador de uma pessoa com TEA a luz da teoria da resiliência.	Um estudo qualitativo em que os autores fizeram uma análise de conteúdo das respostas de duas perguntas para 93 cuidadores sobre cuidados com uma criança com TEA.	Encontrou-se mais fatores de risco do que fatores de proteção expressos pelos cuidadores de pessoas com TEA. Isso indica uma maior necessidade de compreender e lidar com os fatores de risco, bem como aumentar os fatores de proteção ao promover a resiliência nesses cuidadores.
Boshoff, K., Gibbs, D., Phillips, R. L., Wiles, L. & Porter, L. A meta-synthesis	2018	Aprofundar os aspectos qualitativos de experiência de pais durante o processo de	Uma revisão sistemática de 15 bancos de dados. Foram coletados relatos de 1178 pais sobre a	Os pais descreveram que o tempo de espera para o diagnóstico foi muito difícil porque estavam sobrecarregados e

<p>of how parents of children with autism describe their experience of advocating for their children during the process of diagnosis.</p> <p><i>Health Soc Care Community</i>, 27, 143-157.</p>	<p>diagnóstico do filho com TEA.</p>	<p>experiência com o diagnóstico do filho com TEA.</p>	<p>preocupados, porém as emoções mais extremas vieram quando receberam o diagnóstico.</p>
<p>Das, S., Das, B., Nath, K., Dutta, A., Bora, P. & Hazarika, M.</p> <p>Impact of stress, coping, social support, and resilience of families having children with autism: a northeast India-based study. <i>Asian Journal of Psychiatry</i>, 28, 133-139.</p>	<p>2017 Avaliar o estresse parental, suporte social, mecanismos de enfrentamento usados pela família e a resiliência no enfrentamento dos desafios de cuidadores de crianças com TEA.</p>	<p>Um estudo quantitativo com 35 pais que responderam escalas de estresse parental, de apoio social, de autoeficácia de enfrentamento e de resiliência.</p>	<p>A maioria dos entrevistados eram as mães e o estresse parental era nítido. Esses pais relataram receber apoio familiar. Por mais que cuidar de uma criança com TEA demandava mais tempo e energia, esses pais acreditavam serem capazes de lidar com os problemas e que as coisas dariam certo mesmo em situações difíceis.</p>

<p>Ilias, K., Cornish, K., Park, M.S., Toran, H. & Golden, K. J. Risk and resilience among mothers and fathers of primary school age children with ASD in Malaysia: a qualitative constructive grounded theory approach. <i>Front. Psychol.</i>, 9, 2275.</p>	2019	<p>Explorar os riscos e as experiências de proteção que contribuem para o estresse parental e a resiliência de pais de crianças em idade escolar, com TEA e residentes na Malásia.</p>	<p>Um estudo qualitativo com 22 pais que passaram por entrevistas semiestruturadas sobre 4 temas principais: reação iniciais aos sintomas e diagnóstico de TEA da criança, vida familiar afetada por uma criança com TEA, conscientização sobre TEA na Malásia e estratégias de enfrentamento, bem-estar e tornar- se resiliente.</p>	<p>A maioria dos pais relataram que buscaram na internet sobre TEA no momento inicial de desconfiança do diagnóstico, após a confirmação veio um processo de luto e negação. Mais de 80% dos pais relataram dificuldades para enfrentar a gestão dos sintomas do TEA e metade relata se sentir excluído devido aos problemas de comportamento da criança. A compreensão, o apoio e envolvimento dos membros da família e outras pessoas significativas melhoram o desenvolvimento da resiliência. Maior coesão familiar ajuda a construir a resiliência individual e familiar. Os suportes sociais provenientes da comunidade e da sociedade também ajudam a promover o</p>
---	------	--	---	---

				desenvolvimento da resiliência.
Kim, I., Dababnah, S. & Lee, J. The influence of race and ethnicity on the relationship between family resilience and parenting stress in caregivers of children with autism. <i>Journal of Autism and Developmental Disorders</i> , 50, 650-658	2019	Examinar a relação entre resiliência familiar e estresse parental entre pais de crianças com TEA com foco na raça/etnia como moderador.	Um estudo exploratório com 1131 famílias com crianças com TEA obtidas pela Pesquisa Nacional de Saúde da Criança.	O estresse parental foi negativamente associado a resiliência familiar. Os problemas comportamentais infantis foram associados a maior estresse parental. Os pais que relataram nenhum apoio emocional foram mais propensos a ter níveis mais altos de estresse parental em comparação a pais que relataram ter apoio emocional. Pais de crianças afro- americanas com altos níveis de resiliência familiar tiveram probabilidade de 15- 18% para menor estresse parental, em comparação com os pais de brancos e hispânicos com níveis semelhantes de resiliência familiar. Embora um aumento na resiliência familiar

				esteja relacionado com uma diminuição no estresse parental para ambos os pais de crianças afro-americanas e brancas com TEA, a magnitude dos efeitos foi maior nas famílias afro-americanas.
Lu, M., Chen, J., He, W., Pang F. & Zou, Y. Association between perceived social support of parents and emotional/behavioral problems in children with ASD: a chain mediation model. <i>Research in Developmental Disabilities</i> , 113, 103933	2021	Explorar as relações entre o apoio social percebido pelos pais, a resiliência parental, autoeficácia parental e problemas emocionais/comportamentais em crianças com TEA.	Estudo quantitativo com 289 pais que responderam escalas de suporte social percebido, de resiliência, competência parental e questionário de pontos fortes e dificuldades.	O apoio social percebido pelos pais, resiliência parental e autoeficácia parental foram significativamente associados a problemas emocionais/comportamentais em crianças com TEA. A resiliência parental e autoeficácia parental desempenham um papel de mediação entre a percepção de suporte social dos pais e problemas emocionais/comportamentais em crianças com TEA.
Manicacci, M., Bouteyre, E., Despax, J &	2019	Avaliar a inteligência emocional de	Estudo quantitativo com 275 mães (136 mães do grupo	O grupo de mães com crianças com TEA teve uma pontuação melhor

<p>Bréjard, V.</p> <p>Involvement of emotional intelligence in resilience and coping in mothers of autistic children.</p> <p><i>Journal of Autism and Developmental Disorders</i>, 49, 4646–4657.</p>	<p>mães de crianças com TEA em comparação com mães de crianças típicas.</p>	<p>clínico e 139 mães do grupo controle) que responderam de forma online 3 formulários de autorrelatos.</p>	<p>em habilidades na percepção de emoções. Encontrou-se uma forte correlação entre inteligência emocional e grau de resiliência expressa pelos participantes. Houve diferenças entre mães de crianças com TEA e mães de crianças típicas em termos de habilidades emocionais que elas usaram. Não houve correlações significativas entre inteligência emocional e estratégias de enfrentamento. Mães de crianças com TEA eram mais propensas a usar suas habilidades emocionais do que as mães de crianças típicas.</p>
<p>Pastor-Cerezuola, G., Fernández-Andrés, M. I., Tárraga-Mínguez, R. & Navarro-Peña, M.</p>	<p>2016 Avaliar o estresse parental em pais de crianças com TEA e compará-lo com o estresse</p>	<p>Estudo quantitativo com 82 famílias, sendo 42 para o grupo clínico e 42 para o grupo controle. Foram realizados testes</p>	<p>A gravidade do autismo da criança e as habilidades linguísticas da criança foram preditores de estresse parental. A habilidade intelectual da criança foi um</p>

<p>stress and ASD: relationship with autismo symptom severiry, IQ, and resilience. <i>Focus on Autism and Other Developmental Disabilities</i>, 31 (4), 300-311.</p>	<p>em pais de crianças típicas; estudar a relação entre estresse parental com gravidade do autismo e QI verbal e de desempenho; e estudar a relação entre estresse parental e resiliência.</p>	<p>nas crianças e nos pais.</p>	<p>preditor de estresse parental, mas apenas no caso do grupo com TEA. No entanto, a análise das características dos pais mostrou que, apesar dos altos níveis de estresse que experimentaram, os pais de crianças com TEA se adaptam às necessidades do filho. Além disso, os pais de crianças com TEA que se percebem como mais resilientes à adversidade relataram duas características parentais intimamente relacionado a dois indicadores de resiliência: otimismo e autoeficácia.</p>
<p>Pastor-Cerezuela, G., Fernández-Andrés, M.I., Pérez-Molina, D. & Tijeras-Iborra, A. Parental stress and resilience in autismo</p>	<p>2021 Comparar o estresse parental e a resiliência dos pais de crianças com TEA, síndrome de Down e de desenvolvimen to típico.</p>	<p>Estudo quantitativo com 97 pais que responderam escalas de estresse parental e resiliência.</p>	<p>Os níveis mais elevados de estresse parental obtidos pelos pais do grupo de crianças com TEA podem indicar que as percepções das características de seus filhos estariam associadas com o estresse relacionado às</p>

<p>spectrum disorder and Down syndrome.</p> <p><i>Journal of Family Issues</i>, 42 (1), 3-26.</p>		<p>tarefas de criação dos filhos. Os pais das crianças dos três grupos se percebiam como moderadamente resistentes à adversidade. Em famílias com crianças com Síndrome de Down, os pais que perceberam eles próprios como mais resilientes à adversidade relataram menor estresse parental decorrente das características dos próprios pais. No entanto, nas famílias de crianças com TEA, pais que se percebiam como mais resilientes à adversidade relataram menor estresse parental decorrente, neste caso, das características da criança (ex. problemas de comportamento).</p>	
<p>Roberts, C. A., 2017 Hunter, J. & Cheng, A. Resilience in families of</p>	<p>Explorar o impacto dos problemas de sono de crianças com</p>	<p>Estudo misto com 6 cuidadores que preencheram questionários durante 01 ano</p>	<p>Pais de crianças com TEA e problemas de sono tinham níveis mais baixos de resiliência do que aqueles que</p>

<p>children with autism and sleep problems using mixed methods.</p> <p><i>Journal of Pediatric Nursing, 37.</i></p>	<p>TEA na resiliência da família.</p>	<p>sobre o índice familiar de regeneratividade e adaptação geral e hábitos de sono das crianças.</p>	<p>dormiam bem. Os preditores de resistência foram suporte social, coerência de enfrentamento (gerenciamento de estresse) e pontuações mais baixas de tensão. Uma prioridade para os cuidados de saúde pessoal deveria ser a avaliação dos padrões de sono de crianças com TEA e suas famílias.</p>
<p>Semensato, M.R & Bosa, C. A. Crenças indicativas de resiliência parental no contexto do autismo.</p> <p><i>Psicologia: Teoria e Pesquisa, 33, 1-10.</i></p>	<p>2017 Investigar indicativos de resiliência em casais que são pais de crianças com TEA durante os primeiros anos após o diagnóstico do filho.</p>	<p>Estudo qualitativo que foi usado um banco de dados de entrevistas com 6 famílias em que foram usados roteiros de entrevistas sobre coparentalidade e conjugalidade.</p>	<p>Foram indicativos de resiliência parental no processo de elaboração do diagnóstico do filho com autismo: a busca e uma atribuição de sentido do comportamento das crianças, o que significa o autismo e a capacidade de desenvolver um empoderamento frente as dificuldades do dia a dia.</p> <p>Auxiliar os pais nessa construção do significado do que é ter</p>

<p>um filho com autismo pode ajudá-los a melhor lidar com a nova situação, promover resiliência e melhorar o funcionamento da família.</p>
--

DISCUSSÃO

Este estudo teve por objetivo realizar uma breve revisão da literatura sobre os temas resiliência parental e diagnóstico de TEA. Por meio dessa revisão pode-se observar uma escassez de estudos específicos sobre o tema da resiliência parental, principalmente, artigos em português. Esse tema é de extrema relevância, uma vez que os estudos evidenciaram uma relação entre a resiliência parental e o estresse parental. Este é um dado importante quando se pensa sobre a participação dos pais nas intervenções terapêuticas, o quanto isso é relevante e traz benefícios (ou não) para a criança. Por exemplo, Das et al. (2017) evidenciaram que os pais mesmo com um grau de estresse, acreditavam serem capazes de lidar com as adversidades. Pais que acreditam que são capazes de lidar com as dificuldades da rotina diária e conseguem engajar nos tratamentos do filho estão aptos a aprender novas estratégias com os profissionais para manejar as dificuldades que enfrentam.

Outra relação encontrada pela revisão foi entre a resiliência parental, o estresse parental e o apoio social. Nos estudos de Ilias et al. (2019) e Pastor-Cerezuela et al. (2021) demonstram que quando os pais recebem alguma forma de apoio social, eles apresentam um menor nível de estresse parental e, conseqüentemente, uma maior resiliência parental. Esse dado evidencia o quanto é relevante a existência de uma rede de apoio para os pais das crianças com TEA e como os profissionais podem atuar com essas famílias em contexto de orientação parental, com foco no quanto é importante eles pedirem ajuda e se permitirem ser ajudados.

Para finalizar a discussão, uma terceira relação que apareceu nos estudos é sobre a importância de se trabalhar sentimentos de autoeficácia com os pais, gestão de comportamentos inadequados e/ou emocionais e a importância do apoio social. Das et al. (2017), Lu et al. (2021) e Semensato e Bosa (2017) relataram que quando as intervenções com cuidadores focam nesses tópicos, tem-se pais menos estressados, logo eles estarão mais preparados para lidar com as adversidades de modo autônomo e seguro. Quando os cuidadores acreditam que são capazes de

lidar com as dificuldades da criança, eles têm as ferramentas e técnicas de gestão de comportamento e de regulação emocional e, ainda, possuem uma rede de apoio, a família terá uma maior tranquilidade frente aos desafios da rotina diária que é ter um filho com TEA promove a eles.

CONCLUSÃO

A revisão da literatura evidenciou uma importante relação entre resiliência parental e estresse parental. Ficou clara a importância de se trabalhar ambos os temas com os pais de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo. A literatura aponta que quando os cuidadores são preparados para enfrentar as dificuldades da rotina diária com a criança eles apresentam menores níveis de estresse parental e, conseqüentemente, níveis maiores de resiliência parental.

Outras variáveis envolvidas nesse processo são a importância do apoio social para os pais, trabalhar sentimentos de autoeficácia, gestão de comportamentos inadequados e regulação emocional. É necessário capacitar os cuidadores e a família para melhor lidarem com as dificuldades, assim reduzindo os sintomas de estresse e aumentando os de resiliência. Alguns estudos evidenciam que quando se tem pais participativos e engajados no tratamento do filho, as crianças têm resultados e ganhos de desenvolvimento semelhantes comparando a atuação do terapeuta e do cuidador. Esse dado é relevante, pois quando o familiar aprende a aplicar algumas estratégias da terapia, ele está ampliando as oportunidades de aprendizagem para seu filho, uma vez que está extrapolando e generalizando as habilidades dele para além do contexto terapêutico.

Ainda se mostra necessário o desenvolvimento de mais pesquisas nessa área, principalmente no Brasil, pelo maior acesso de pais e profissionais à literatura científica. É um tema importante e que merece atenção dos profissionais que atendem as crianças, uma vez que é necessário capacitar, engajar, instruir e preparar a família para a nova caminhada frente ao diagnóstico de TEA do filho.

REFERÊNCIA

Andrade, A. A., & Teodoro, M. L. M. (2012) Família e Autismo: Uma Revisão da Literatura. *Revista Contextos Clínicos*, 5 (2), 133-142. <http://doi.org/10.4013/ctc.2012.52.07>

Associação Americana de Psiquiatria. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM 5)* (5ª ed.) (pp 50) Artes Médicas.

Bekhet, A. K. & Matel-Anderson, D. (2016) Risk and protective factors in the lives of caregivers of persons with autism: caregivers' perspectives. *Perspectives in Psychiatric Care*, 00, 1-9. <http://doi.org/10.1111/ppc.12158>

Boshoff, K., Gibbs, D., Phillips, R. L., Wiles, L. & Porter, L. (2018) A meta-synthesis of how parents of children with autism describe their experience of advocating for their children during the process of diagnosis. *Health Soc Care Community*, 27, 143-157. <http://doi.org/10.1111/hsc.12691>

Das, S., Das, B., Nath, K., Dutta, A., Bora, P. & Hazarika, M. (2017) Impact of stress, coping, social support, and resilience of families having children with autism: a northeast India-based study. *Asian Journal of Psychiatry*, 28, 133-139. <http://doi.org/10.1111/hsc.12691>

Gardner, J & Harmon, T. (2002); Exploring resilience from a parent's perspective: A qualitative study of six resilient mothers of children with an intellectual disability. *Australian Social Work*, 55(1), 60-68. <http://doi.org/10.1046/j.0312-407x.2002.00007.x>

Gomes, C. G. S., Souza, D. G., Silveira, A., Rates, A. C., Paiva, G. C. C., & Castro, N. (2019). Efeitos de Intervenção Comportamental Intensiva Realizada por Meio da Capacitação de Cuidadores de Crianças com Autismo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.35, e3523. <http://doi.org/10.1590/0102.3772e3523>

Harrington, J., Patrick, P., Edwards, K. & Brand, D. (2006). Parental beliefs about autism: implications for the treating physician. *Autism*, 10(5), 452-462. <http://doi.org/10.1177/1362361306066609>

Hastings, R.P., Kovshoff, H., Ward, N.J., Espinosa, F., Brown, T. & Remington, B. (2005). Systems analysis of stress and positive perceptions in mothers and fathers of pre-school children with autism. *J Autism Dev Disord*, 35 (5), 635-44. <http://doi.org/10.1007/s10803-005-0007-8>

Herbert, E. & Koulouglioti, C. (2010). Parental beliefs about cause and course of their child's autism and outcomes of their beliefs: a review of the literature. *Comprehensive Pediatric Nursing*, 33(3), 149-63. <http://doi.org/10.3109/01460862.2010.498331>

Ilias, K., Cornish, K., Park, M.S., Toran, H. & Golden, K. J. (2019) Risk and resilience among mothers and fathers of primary school age children with ASD in Malaysia: a qualitative constructive grounded theory approach. *Front. Psychol.*, 9, 2275. <http://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.02275>

Infante, F. (2005). A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. In A. Melilo & E. N. S. Ojeda (Orgs.), *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas* (pp. 23-38). Artmed.

Kim, I., Dababnah, S. & Lee, J. (2019) The influence of race and ethnicity on the relationship between family resilience and parenting stress in caregivers of children with autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 50, 650-658. <https://doi.org/10.1007/s10803-019-04269-6>

Lu, M., Chen, J., He, W., Pang F. & Zou, Y. (2021) Association between perceived social support of parents and emotional/behavioral problems in children with ASD: a chain mediation model. *Research in Developmental Disabilities*, 113, 103933. <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2021.103933>

Madeira, H. I. B. (2014) *Reação das famílias ao diagnóstico da criança com Perturbações do espectro do Autismo: um estudo exploratório* [Dissertação de mestrado, Universidade de Évora]

Manicacci, M., Bouteyre, E., Despax, J & Bréjard, V. (2019) Involvement of emotional intelligence in resilience and coping in mothers of autistic children. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 49, 4646–4657. <https://doi.org/10.1007/s10803-019-04177-9>

Pastor-Cerezuela, G., Fernández-Andrés, M. I., Tárraga-Mínguez, R. & Navarro-Peña, M. (2016) Parental stress and ASD: relationship with autismo symptom severity, IQ, and resilience. *Focus on Autism and Other Developmental Disabilities*, 31 (4), 300-311. <http://doi.org/10.1177/1088357615583471>

- Pastor-Cerezuela, G., Fernández-Andrés, M.I., Pérez-Molina, D. & Tijeras-Iborra, A. (2021) Parental stress and resilience in autism spectrum disorder and Down syndrome. *Journal of Family Issues*, 42 (1), 3-26. <http://doi.org/10.1177/0192513X20910192>
- Pereira, C. C. V. (2011) Autismo e Família: Participação dos Pais no Tratamento e Desenvolvimento dos Filhos Autistas. *Facene/Famene*, 9 (2), 51-58.
- Roberts, C. A., Hunter, J. & Cheng, A. (2017) Resilience in families of children with autism and sleep problems using mixed methods. *Journal of Pediatric Nursing*, 37. <http://doi.org/10.1016/j.pedn.2017.08.030>
- Rogers, S. J., Dawson, G. & Vismara, L. A. (2015). *Autismo: Compreender e agir em família* (1ª ed.) (pp 43-54). Lidel.
- Semensato, M. R. (2013) *Elaboração do diagnóstico de autismo do filho: indicativos de resiliência parental*. [Dissertação de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
- Semensato, M.R & Bosa, C. A (2017) Crenças indicativas de resiliência parental no contexto do autismo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33, 1-10. <http://doi.org/10.1590/0102.3772e33416>
- Vismara, L. A., Colombi, C., & Rogers, S. J. (2009). Can one hour per week of therapy lead to lasting changes in young children with autism? *Autism*, 13(1), 93–115. <http://doi.org/10.1177/1362361307098516>
- Warren, Z., McPheeters, M. L., Sathe, N., Foss-Feig, J. H., Glasser, A. & Veenstra-Vanderweele, J. (2011). A systematic review of early intensive intervention for autism spectrum disorders. *Pediatrics*, 127 (5), 1303-1311. <http://doi.org/10.1542/peds.2011-0426>